



BOLETIM – JANEIRO 2025

UNIVERSIDADES SENIORES: PASSADO, PRESENTE E FUTURO.

Vivemos um momento na Barcelos Senior (BS) em que todos somos chamados a pensar o seu futuro. Tenhamos presente que a BS foi constituída como uma associação para dar, exclusivamente, enquadramento legal à Universidade Sénior de Barcelos.

A origem das Seniores



Pierre Vellas

As Universidades Seniores, inicialmente designadas como Universidades da Terceira Idade, surgiram em França, nos anos setenta do século XX, a partir da concetualização do professor Pierre Vellas, preocupado com uma nova geração de reformados, sem nada que fazer, muitos dos quais com vontade de se valorizar e aprender.

O professor Vellas, com alguns colegas, começou a oferecer conferências e seminários aos reformados, dentro da Universidade de Toulouse. Na realidade, o professor não fundou uma Universidade da Terceira Idade; foi o sucesso das primeiras iniciativas que levou a própria Universidade Toulouse a abrir-se em definitivo a novos públicos, criando em 1973, a sua Universidades da Terceira Idade.

A UTI Toulouse também um projeto pioneiro de investigação-ação intergeracional, que pôs os jovens investigadores da unidade de ensino e de pesquisa da faculdade de ciências sociais, que estudavam os problemas médicos, sociais e psicológicos dos idosos, em contato direto com os estudantes da UTI, “uma espécie de geminação que, apesar do famoso conflito de gerações, se mostrou muito fecunda” (Lemieux, 2001), no melhor que a intergeracionalidade tem para oferecer.

Para a história fica, ainda, a afirmação de Vellas, “o importante não é o que aprendemos nas aulas teóricas, mas saber que a estimulação do cérebro ajuda a combater o envelhecimento cerebral”, dando o mote para a identidade metodológica, meios e fins das Universidades da Terceira Idade – metodologia que também valoriza a partilha de saberes.



(U3A Toulouse).

Contexto das primeiras UTI.

As Universidades da Terceira Idade nasceram num contexto de mudança social, enfatizada por movimentos sociais e por programas de resposta ao processo de envelhecimento em países desenvolvidos marcados pela Conferência dos Direitos Humanos de 1968, realizada em Teerão. Esta conferência teve como objetivo promover o papel social dos idosos e a prevenção da sua autonomia. A experiência das Universidades Populares francesas, e o relatório da UNESCO «Aprender a ser», que universalizou o conceito de Educação Permanente.

De Toulouse para o Mundo

O projeto Universidades da Terceira Idade ganhou vida própria e espalhou-se por muitos países do mundo. Entre 1973 e 1980, foram criadas 52 Universidades da Terceira Idade em França e, em 1976 já existiam em universidades da Bélgica, da Suíça, e no Canadá.

As primeiras Universidades da Terceira Idade uniram-se para, ainda em 1976, criarem a AIUTA, a Associação Internacional das Universidades da Terceira Idade, que foi desde logo reconhecida pela UNESCO, no âmbito da educação para adultos.

Em 1982, o modelo de Toulouse viajou para o Reino Unido, com a criação a UTI de Cambridge, mas o projeto teve vida curta, uma vez que as Universidades da Terceira Idade britânicas saíram do seio da universidade formal, em 1989, para o mundo associativo. Recorde-se que, na Grã-Bretanha, já existia, desde 1971, a Universidade Aberta, que acolhia os mais velhos em ambientes não formais de aprendizagem. Foi, assim, na longa tradição britânica do associativismo e do cooperativismo, que as Universidades da Terceira Idade se expandiram e desenvolveram no Reino Unido.



O boom das Universidades Seniores em Portugal dá-se depois de 2012, como consequência das dinâmicas do Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre as gerações. Mas esse boom trouxe grandes desvios conceituais e de perda de identidade ao conceito de Universidade Senior. A Universidade Sénior de Barcelos nasceu neste boom.

A primeira Universidade Sénior portuguesa, foi a Universidade Internacional da Terceira Idade de Lisboa (UITI), criada por Herberto Miranda em 1978, tendo sido reconhecida pelo Ministério da Educação em 1984. Hoje, a UITI está integrada na Fundação Celeste e Herberto de Miranda, que foi instituída em 1986.

As Universidades Populares chegaram a França em 1898, com o propósito de promover o conhecimento junto dos trabalhadores, mas foram perdendo força ao longo do tempo, por duas ordens de razão: (1) falta de adaptação dos destinatários aos programas, sobretudo devido à falta de uma instrução primária sólida dos seus alunos; (2) divergência de ideias e projetos, de expectativas e desejos temáticos dos alunos e as ambições distintas entre os defensores da república radical burguesa e os defensores da república social. Realidade a considerar, quando, hoje, se conceberem projetos educativos.

O Relatório Aprender a Ser, da UNESCO, redigido em 1972, pretendeu ajudar a preparar o choque do futuro, a partir de uma leitura dos sinais marcantes dos finais dos anos 60 e das suas origens. A Educação Permanente propôs uma educação de adultos desformalizada, ligada à vida nas suas várias dimensões, enfatizando a educação como um projeto de transformação social na cidade educativa, com base no direito de cada ser humano se realizar plenamente, participando na construção do seu próprio futuro, e de se poder expandir em toda a sua complexidade.

A Universidade Aberta começou a funcionar em 1971, nas antigas instalações da BBC, com o objetivo de tornar o ensino superior acessível a todos, mesmo para os que não possuíam o ensino secundário. A UA utilizava meios combinados como a televisão, a rádio, os cursos por correspondência, as escolas e os cursos residenciais de curta duração, proporcionando cursos profissionais e vocacionais, conferindo um diploma universitário, com ou sem grau académico.

O Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre as gerações, sublinhou o desafio que representa o envelhecimento acelerado da população, a importância de se criarem ambientes favoráveis ao envelhecimento e de se encontrar novas soluções que permitam transformar o envelhecimento numa oportunidade.

Modelos de Universidades Seniores

Modelo francês (modelo original)	<p>A experiência de Toulouse deu origem ao que vulgarmente se chama modelo francês, que é o mais adotado no mundo, embora hoje o modelo francês esteja subdividido, de acordo com a visão que cada universidade tem sobre as propostas e dinâmicas não formais para seniores, quando as distingue.</p> <p>As Universidades Seniores do ensino formal terão em comum o facto de serem projetos acolhidos por estabelecimentos do ensino superior formal, que disponibiliza os seus espaços, equipamentos e professores. Os seniores frequentam as aulas e as atividades, juntos e/ou separados dos alunos mais novos, podendo ser ou não formalmente avaliados.</p> <p>Sublinhe-se que, em França, na década de 1990, o conceito de Universidade da Terceira Idade (<i>Université Troisième Age</i>), evoluiu para Universidade de Todas as Idades (<i>Université Tous Ages</i>), que os Italianos, por exemplo, traduzem hoje como a Universidade das Três Idades.</p>
Modelo britânico	<p>O modelo Britânico expandiu-se, sobretudo, para países com ligações históricas à Grã-Bretanha, como a Irlanda, a Austrália, a Nova Zelândia e a Índia.</p> <p>Trata-se de um modelo auto-organizado implementado em entidades sem fins lucrativos, envolvendo os seus membros na gestão da Universidade Sénior e na organização do plano de estudos. Ou seja, as Universidades Seniores britânicas não disponibilizam, no seu modelo original puro, uma oferta curricular pré-definida, e todos podem atuar como professores e como alunos. O professor é, por princípio, um membro do grupo, especializado na temática a ser abordada.</p>
Universidades populares	<p>As Universidades Populares concentram-se essencialmente nos países nórdicos e de língua alemã. As Universidades da Terceira Idade nunca se implementaram nesta região e as poucas que existem na Suécia, Finlândia e Noruega são do modelo Francês.</p> <p>Refira-se que existem Universidades Populares em Portugal, tendo como referência a Universidade Túlio Espanca de Évora.</p> <p>As Universidades Populares surgiram na Dinamarca, em meados do século XIX, como instituições de ensino para adultos e pessoas de limitada condição de acesso ao ensino primário, secundário e superior, a partir do trabalho de Nikolaj Grundtvig.</p>
US on-line	<p>Anteriores ao Covid, as US on-line têm vindo a ganhar expressão em diferentes países, nomeadamente em Portugal.</p>
Modelo português?	<p>A grande expansão territorial e numérica veio trazer uma grande heterogeneidade ao perfil das US portuguesas, as quais integram diferentes motivações e visões, umas enfatizando a dimensão social e outras a dimensão educativa, o que hoje é claramente perceptível e medível. Neste contexto, convivem em Portugal o modelo francês, o modelo britânico e as universidades populares, com o “modelo português”.</p> <p>O modelo português ocorre nas US, independentemente de pertencerem ao mundo associativo ou serem projetos municipais. Este modelo de serviço, com tendência piramidal, decorre da proliferação de US centradas no Envelhecimento Ativo e Saudável numa dinâmica de intervenção social (ação social) e não na efetiva educação ao longo da vida, promovendo programas pré-estabelecidos, recrutando professores de preferência voluntários e organizando atividades que são “consumidas” pelos alunos.</p>

Desafios para a Barcelos Sénior

Mais do que nunca, as Universidades Seniores têm de se afirmar com uma identidade muito própria, com foco na aprendizagem e num claro projeto educativo. Não que o convívio e o lazer não sejam importantes, mas numa US, estes decorrem naturalmente no seio do grupo, como em qualquer universidade em qualquer idade, com a vantagem de que, maioritariamente, são os próprios alunos a promover essas atividades.

Ao tomarmos decisões, recordemos que o fenómeno a que genericamente chamamos de Universidades Seniores passou, em Portugal, por diferentes fases ou gerações, que ainda coexistem.

(1) No princípio, as Universidades Seniores da 1ª Geração designavam-se Universidades da/para a Terceira Idade e destinavam-se a reformados. Os seus alunos tinham entre os 65 e os 75 Anos.

(2) Nas Universidades Seniores da 2ª Geração, apesar das primeiras Universidades da Terceira Idade terem mantido a sua designação original, começou a surgir a expressão Universidades Seniores. Os alunos mais antigos foram-se mantendo nas suas Universidades, ao mesmo tempo que estas passaram a acolher alunos a partir dos 55 anos, sobretudo como resposta a políticas que anteciparam a idade de reforma na função pública. Os alunos passaram a ter entre os 55 e os 80 Anos.

A expressão «universidade sénior» decorre da expressão academia sénior, que teve origem nos projetos educativos nascidos nas universidades tradicionais que, também pela designação, pretendiam diferenciar a sua oferta para os mais velhos, das já muito difundidas universidades da terceira idade, que existiam no mundo associativo.

(3) A expressão Universidade Senior generalizou-se, mas começaram a surgir outras designações e outros projetos, como as Universidades Intergeracionais, abertas a outros públicos. Os alunos passaram a ter entre os 50 e os 85 Anos e a falar-se da necessidade de uma preparação precoce da idade da reforma. Estamos na 3ª Geração das Universidades Seniores.

Todavia, hoje, como sempre, levantam-se questões inerentes à evolução dos projetos e à sua adaptação a novas realidades. Questiona-se se:

- As US fazem sentido hoje? Se sim, o que fazer para as ajudar a crescer em coerência e qualidade?

- Será que a heterogeneidade de perfis das US é uma vantagem, ou têm vindo a desvirtuar o que uma US devia ser?

- Não se estará a usar abusivamente a designação Universidade Sénior ou Academia Sénior, para nobres projetos que deviam, contudo, ter uma designação diferente, de acordo com a sua real visão, missão e vocação?

- Querer recrutar adultos a partir dos 50 anos e chamar-lhes seniores não é uma incoerência e uma dificuldade acrescida do próprio recrutamento?

Recorde-se que o termo «sénior» é muitas vezes usado como sinónimo de terceira idade, e ambos se referem essencialmente a reformados).

- Devemos limitar as idades mínimas, ou devemos abrir as portas a todos os adultos que queiram aprender em ambientes escolares não formais?

(4) Assim, a Barcelos Sénior é convidada a ser pioneira da 4ª Geração.

								1ª Geração - UTI. (65-75 Anos)			
								2ª Geração – UTI e US (55-80 Anos)			
								3ª Geração – UTI e outras designações (50-85 Anos)			
								4ª Geração - ? ?			